



Introdução

Icléa Lages de Melo²

Hugo Moreira Lima³

É melhor tentar, ao invés de sentar-se e nada fazer. É melhor falhar, mas não deixar a vida passar. Prefiro na chuva caminhar do que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, do que viver infeliz em são conformismo.

Martin Luther King

Falar sobre a FEBF/UERJ, Instituição Superior de Ensino Público, remete à dívida social que o poder público e a sociedade civil têm com a região da Baixada Fluminense. É no âmbito desse pensamento que este texto inicia o estudo/escrita da história desta instituição, que tem como desafio cotidiano desenvolver papel relevante na construção dos profissionais da educação, pois trata-se de um espaço formador de educadores. Para consolidar o nível de excelência desta formação, a FEBF/UERJ encerra na sua trajetória uma história de muita luta e superação transitando pela conquista da autonomia universitária, pela incorporação do quadro de professores e pelo prédio próprio.

A primeira escrita oficial sobre a história da FEBF é a dissertação de mestrado do ex-professor dessa casa, Gelson Pereira Dalvi (2002), na qual faz um trabalho de pesquisa documental cotejado com entrevistas, artigos, livros, revistas e acervo da FEBF. Este trabalho significou um despertar para a monografia de graduação de Lilian de Oliveira Machado (2010), do curso de Pedagogia, onde há a abordagem, como caminho metodológico, do uso da história oral para o registro de memória desta Faculdade.

Tendo como referencial os princípios básicos da universidade - ensino, pesquisa e extensão- a FEBF, no seu processo educativo, possui o olhar voltado para uma formação crítica e nessa caminhada desenvolve diferentes projetos, programas e atividades, incluindo pesquisa e extensão, estágio de docência e gestão, monitoria, iniciação científica, biblioteca aberta à comunidade, diferentes modalidades de bolsas e muitas outras formas de participação na busca de interlocução com a comunidade. Oferece cursos de Licenciatura em Pedagogia, Geografia e Matemática; dois cursos de pós-graduação (especialização): Organização Curricular e Prática docente na Educação Básica; o recém aprovado: Gestão dos Processos Educativos na Escola e ainda o Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação.

¹ Este artigo é dedicado ao quadro de Professores Concursados do Estado, que atuaram nesse espaço de formação desde a década de 1960 e incorporados à UERJ em 1997. Deixamos público, através do PINBA, o respeito pela história de luta e superação, tendo sido esta o marco inicial para o que a FEBF representa hoje na região da Baixada Fluminense.

² Professora da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ)

³ Graduando no curso de Pedagogia da FEBF/UERJ e Bolsista do PINBA.

Consolidando esse princípio da extensão como espaço de interlocução e articulação entre os diferentes setores e atores da sociedade, a FEBF, comprometida com as demandas e necessidades da população dessa região, desenvolve o Programa de Pesquisa e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense (PINBA). Este foi criado em 1992, como programa institucional da UERJ, baseando-se nas linhas estratégicas do documento “políticas de interiorização” dessa universidade. Nessa busca contempla várias atividades, como a “Cartilha Sócio-Espacial Histórica da Baixada” que tem por finalidade reunir informações históricas, geográficas, humanas e sociais de todos os municípios da Baixada, para utilização nas escolas de ensino fundamental. Outra atividade que se encontra em fase de elaboração é a escrita do “Registro de Memória da FEBF.” Há ainda em seu programa projetos de extensão, de pesquisa, tendo a Baixada Fluminense como foco de estudo. É formado por um colegiado interdisciplinar, composto por professores e bolsistas dos cursos de Pedagogia, Matemática e Geografia.

Registraram-se parcerias com o SEPE/Caxias; o Fórum Cultural da Baixada Fluminense; o Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHEd); o Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias (CRPH) e o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ).

Dentre as metas propostas no Programa, destaca-se a elaboração do Registro de Memória da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), que tem como objetivo resgatar a sua história. Para organização das ideias, este artigo trata da origem até a conquista da unidade universitária e desta à posse do prédio próprio.

FEBF/UERJ enquanto lugar de memória

A FEBF, como Instituição do Ensino Superior na Baixada Fluminense, tem um valor simbólico inestimável como lugar de memória. Najjar contribui com esse pensamento afirmando que: “lato sensu, tudo que homens e mulheres fizeram e fazem em nosso país faz parte da nossa cultura (...) a questão é que algumas dessas coisas são eleitas como pertinentes a nosso patrimônio cultural e outras não”. (2010, p. 144)

Nesse sentido, pensar essa Instituição, sem antes refletir sobre os atores que a construíram é praticamente negar toda a sua trajetória histórica. Deve-se tê-la não só como patrimônio cultural, mas também educacional, social e político, com relevância tanto para a região em que se situa quanto para as pessoas que nela transitam.

O grande desafio encontrado, de modo geral, nas sociedades contemporâneas, é suscitar o interesse para a importância da memória como peça fundamental na construção e valorização do patrimônio. Por patrimônio entende-se que “(...) é algo definido socialmente. Não é qualquer objeto que é visto como pertencente a nossa herança cultural, mas aqueles que socialmente ganham valor simbólico.” (NAJJAR, 2010, p. 143).

Dialogando com Pierre Nora, a FEBF seria o que ele chama de um “lugar de memória,” isto é, o resultado da relação dinâmica entre história e memória. Dessa forma, a história, enquanto ciência, é quem cristaliza os objetos simbólicos, dando-lhes a forma mais acabada como um lugar de memória. Em suma, eles seriam os lugares que possuem sua aura simbólica mantidos através da memória e que foram, de forma geral, imortalizados pela história. Entende-se também que nem sempre eles são imortalizados pela história, e que podem ser quaisquer coisas no subjetivo das pessoas. Neste caso, fala-se de um lugar específico, a FEBF.

Portanto, lugares de memória são onde se encontram lembranças. Para tal, segundo Pollak (1992), são necessários 3 critérios: os acontecimentos, os personagens e os lugares. No objetivo

estudo, respectivamente, luta, sujeitos envolvidos e FEBF. A partir desse esclarecimento, surge uma inquietação: por que a FEBF torna-se um lugar de memória? A resposta para tal deveria ser respondida com o desenrolar do estudo. Antes mesmo de iniciar qualquer atividade na busca desta resposta busca-se sólidos fundamentos para prosseguir-se num terreno seguro, onde se estivesse preparado para qualquer adversidade. Com base em Alberti (2005) tem-se o reconhecimento de que para dar início a qualquer estudo necessita-se de um conhecimento prévio do objeto.

Delimitando-se o estudo, com base na memória, buscam-se os sujeitos que participaram desse processo histórico para a realização das entrevistas. Com relação a esta investigação, pode-se dizer, a partir de Alberti (2005), que ela se inicia pré dada, mas com o desenrolar da pesquisa, devido às constatações e até mesmo às indicações dos próprios entrevistados, ela vai se reformulando, tornando-se flexível. Ainda a autora diz que os critérios devem basear-se em aspectos qualitativos e no grau de representatividade que tiveram no tema investigado. Inicialmente, vieram ex-docentes, ex-alunos e movimento social, posteriormente virão ex-reitores, ex-diretores e funcionários. Dessa forma, teve-se a cautela de selecionar os sujeitos que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema.

Nessa abordagem metodológica, fez-se a seleção dos grupos, estruturando-se o roteiro da entrevista de cada segmento a ser entrevistado. Optou-se por um roteiro que, embora semiestruturado, fosse ao mesmo tempo aberto. Na elaboração da lista de possíveis sujeitos, diferentes nomes foram surgindo, assim como no decorrer das entrevistas outros eram indicados pelos entrevistados.

FEBF/UERJ – entre a história oficial e a oral: o que os documentos não dizem

Na busca de referencial que traduzisse a história da FEBF através de seus sujeitos, encontrou-se em Thompson uma contribuição, ao considerar que "(...) a evidência oral pode expor, com muito mais clareza do que documentos". (1992, p.107). Em um depoimento oral pode-se conhecer de fato todo o contexto histórico do momento. Ainda em Pollak: "o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização" (1983, p. 9).

Ao realizar entrevistas para coleta de dados sobre a memória da Faculdade, observa-se um dos objetivos do PINBA que preconiza formar um banco de dados sobre a região da Baixada Fluminense. Este procura preservar e divulgar sua história através de escritos, fotos, vídeos, fitas, objetos e documentos para consulta de todos que se interessem pelo tema. A história oral é a oportunidade de trazer à tona o que é menosprezado e ignorado como elemento fundamental para a compreensão da verdadeira história. Nessa perspectiva é importante frisar que as entrevistas são, antes de tudo, feitas com o intuito de resgatar o passado desta Faculdade, muitas vezes negligenciado pelo poder público, documentos escritos e autoridades.

Legalmente, este Curso de Pedagogia, posteriormente denominado Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), inicia sua caminhada existencial com a criação do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS), através do Decreto Estadual nº8.272/1962, numa trajetória de resistência no cenário educacional e político do município de Duque de Caxias.

No ano de 1965, surge o Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal (CFPEN) que posteriormente, em 1971, foi transformado em Curso de Pedagogia oferecendo as habilitações Magistério das matérias Pedagógicas do 2º grau, Administração Escolar, Orientação Educacional e Supervisão Escolar. No período de 1971 a 1981 funcionou como curso de Pedagogia, com professores concursados do Estado.

Nessa evolução foram realizadas, inicialmente, entrevistas com quatro ex-docentes, três ex-alunos e um representante do movimento social (2010) e, posteriormente, mais quatro ex-docentes e uma ex-aluna (2011), todos colocados, segundo Thompsom (1992), como elementos fundamentais para a compreensão da história. É a partir destas entrevistas que se fortalece a elaboração do Registro de Memória do Curso de Pedagogia da FEBF, assunto deste artigo.

Não se pode pensar na história desta instituição dissociada da história do Rio de Janeiro. Com a fusão, em 1975, do Estado da Guanabara e Estado do Rio de Janeiro, este passa a contar com a sua própria Universidade, a UERJ, que antes era chamada Universidade do Estado da Guanabara (UEG). Portanto, a mantenedora desse curso era a Universidade Federal Fluminense (UFF). Para maior esclarecimento sobre essa questão Dalvi contribui dizendo que:

Alterações produzidas em decorrência da Lei 5.540/68 - Art. 27, parágrafo 1º determinam que diplomas expedidos por unidades isoladas de ensino, isto é, faculdades não vinculadas formalmente à determinada instituição universitária, sejam reconhecidos por Unidade Pública. Desse modo, os diplomas expedidos pelo curso de Pedagogia do IEGRS, por estar ele localizado no antigo Estado do Rio de Janeiro, são reconhecidos pela Universidade Federal Fluminense (UFF), procedimento que se estende até 1981, quando o curso é incorporado à UERJ. (2002, p.95)

A partir do momento em que a UFF fica desobrigada a emitir os diplomas, a UERJ, “obrigatoriamente”, incorpora o curso de Pedagogia. É a partir desse fato que se inicia uma longa, conflituosa e significativa história de luta.

Após muitos debates e reivindicações, em 1981, o Governo do Estado na época, emite um documento elaborado pela Secretaria Estadual de Educação, encaminhado para a Assembléia Legislativa que decretava a incorporação do curso à UERJ (Lei nº472 /1982). Assim encontramos na publicação comemorativa dos 60 anos da UERJ, um breve resumo dessa história:

(...) Em 1981, ocorre a incorporação definitiva à Universidade, com a sua vinculação ao curso de Pedagogia (campus) Maracanã. Ainda em 1985 ocorre o primeiro concurso para professores da FEBF. Em 1986 tem início o movimento liderado por professores, que reivindicam a criação da unidade universitária em Caxias. A criação efetiva da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense ocorre em 8 de novembro de 1988 em sessão do Conselho Universitário realizado em Duque de Caxias. Conquistada a autonomia, a FEBF conseguiu espaço próprio nas instalações de um CIEP, que possibilitou a abertura de novos cursos de licenciatura e pós-graduação. (2010)

No processo de incorporação à UERJ surge um impasse que se desdobra em alguns conflitos, pois há incorporação do curso e não dos docentes que lá atuavam. Na época havia um quadro de professores concursados do Estado devidamente habilitados que desde a criação do curso formavam pedagogos. Apesar do trabalho, dedicação e compromisso destes professores no processo da formação daqueles profissionais que lá se graduaram, não foi impedimento para que, em 1991, houvesse a emissão de um

¹As entrevistas com referência ao ano 2011, foram realizadas pelo atual Bolsista Hugo Moreira Lima com o apoio do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense.

documento pela reitoria que anunciava a devolução desses professores às suas respectivas origens, esta situação se reverteria, em 1997 quando acontece a incorporação dos mesmos.

Ainda em relação a não incorporação do quadro que lá atuava, foi dito por um ex-docente que "(...) na verdade a UERJ não demonstrou interesse. Porque não era só incorporar o curso, tinha o corpo docente, os discentes e o próprio prédio." (MACHADO, 2010, p. 27) e ainda : "Realizamos várias passeatas, fomos várias vezes à Reitoria para reclamar isto. Houve mobilização de várias entidades de Caxias, Associações de Bairro, Federação das Associações de Moradores de São João de Meriti (ABM), SINDIQUIMICA de Caxias, SEPE, dentre outros." (MACHADO, 2010, p. 32)

É importante ressaltar que nessa história, embora aparentemente exista sempre uma luta comum, seria ilusório acreditar no pragmatismo da mesma. Como todo movimento construído por pessoas, este apresenta embates, perspectivas e contradições. Toda esta mobilização se dá em torno de um objetivo inicial: a transformação desta Faculdade como Unidade Universitária da UERJ. Esta conquista vem a ser adquirida na gestão do reitor Ivo Barbieri (1988-1992). Por outro lado, foi também nesta gestão que houve a devolução do quadro docente concursado do Estado, alegando não precisar mais de seus serviços prestados. Sobre este momento assim se manifesta um docente: "Quando soubemos dessa devolução ilegal, buscamos a garantia recorrendo à justiça. Na oportunidade contamos com alguns professores da UERJ que entendia de legislação, e eles ficavam conosco no Instituto até tarde da noite nos ajudando a redigir documentos para garantir a legalidade do movimento." (MACHADO, 2010, p. 32)

Esses docentes encontravam em alguns alunos um significativo apoio, como constata-se a seguir: "Fizemos parte do Centro Acadêmico Henfil e as principais lutas eram: O prédio próprio, a incorporação dos professores do Estado à UERJ e a questão da autonomia da Faculdade, para desenvolver projetos e pesquisas." (MACHADO, 2010, p. 32)

Pode-se inferir através desses depoimentos, tendo por base Pollak (1983), que aquele docente e os demais, tinham para além de laços profissionais e acadêmicos, sentimentos de pertencimento, pois já haviam formado inúmeros pedagogos ao longo dos anos. Sobre isto o referido autor ressalta que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (...) (1983,p. 9)

A situação se reverteria a partir da gestão do reitor Antonio Celso (1996-2000), considerado pelos docentes como "benfeitor", pois sendo da área do Direito observou ser injusta a questão, indicando um advogado, também professor da UERJ, para trabalhar nessa causa. Esta foi vitoriosa, pois em 1997, o quadro docente concursado do Estado foi incorporado como quadro excepcional que se extinguiria à medida que as pessoas fossem aposentando ou morrendo. Corroborando com esta admissão do quadro de professores, soma-se o SEPE que, segundo um representante do segmento movimento social, "lutava pela isonomia, não poderia existir dois profissionais que realizavam a mesma função ganhando salários diferentes." (MACHADO,2011) Destaca-se ainda que os diplomas e currículos desse quadro de professores já haviam sido reconhecidos pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) e publicado em Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro datado de 25 de Novembro de 1994. Um ex-docente relata que "antigamente professor da UERJ não era concursado, era indicado (...) o concurso foi instituído não sei quanto tempo depois. Mas a gente era concursado do Estado (...) tinha aprovação do CEE,(...) foi uma luta vitoriosa (...)." (2011)

Buscou-se, em dois setores, informações sobre o primeiro concurso para docente na UERJ. Um deles não tinha esse registro e o outro, a Superintendência de Recursos Humanos (SRH) relatou

que encontrou no seu Banco de dados informações sobre o primeiro concurso coordenado por este setor em 1995. Em nosso registro, o primeiro concurso para a FEBF foi em 1985.

Observou-se que cada sujeito entrevistado “tende a guardar datas e fatos significativos para si ou para o grupo. Cada sujeito tende a se prender a um tema de seu campo de luta que melhor lhe fortalece e lhe dá conforto ao falar” (POLLAK, 1989, p. 204). Assim a história é construída e as falas que se seguem revelam o seu significado. O ex-docente verbaliza que “Tinha professor que embora viesse da UERJ, articulava muito bem com a gente e não tinha nenhum preconceito, mas outros nos engoliam” (2011). Na concepção dos ex-alunos:

Na época existia uma divisão clara entre professores do Estado e os professores da UERJ. A minha época foi a dos primeiros concursos, que foi inclusive uma das grandes reivindicações de nossa militância no Centro Acadêmico. Uma boa parte dos professores do Estado considerava que nós éramos contrários a eles quando, na verdade, a nossa luta era pela ampliação do espaço universitário, e a gente considerava que para ampliar e a unidade ser de fato reconhecida, era necessário um maior investimento em concurso para Caxias. E a gente teve nesse período um embate muito sério entre os professores do Estado e os professores da UERJ. E assim em nível de desenvolvimento do trabalho, nós tínhamos professores muito bons em ambos os grupos. Então éramos a favor do concurso para reafirmar a UERJ-Caxias como, de fato, uma Unidade da UERJ. (MACHADO, 2010, P. 37)

Nós não assumimos essa bandeira (no Centro Acadêmico), e isso era um problema porque os professores do Estado se mostravam magoadíssimos com a postura do Centro Acadêmico, mas não lutamos, pelo menos nos anos em que estive no Centro Acadêmico, porque nós considerávamos que por princípio isso era um equívoco, à medida que considerávamos que deveria existir concurso público como princípio para regularização da vida funcional de todo e qualquer professor da Unidade. Nós considerávamos que não deveria existir esta incorporação. Agora também nós nunca nos posicionamos, em nenhuma instância, de maneira a prejudicar o andamento disto. Ou seja, nós nunca colocamos isto como bandeira de luta do movimento estudantil. (MACHADO, 2010, P. 37)

Fizemos parte do Centro Acadêmico Henfil e as principais reivindicações eram o prédio próprio, a luta pela incorporação dos professores do Estado à UERJ e a questão da autonomia da Faculdade, para desenvolver projetos e pesquisas. (MACHADO, 2010, P. 37)

No contexto das diferentes lutas, destaca-se a mobilização para a transformação do Curso de Pedagogia em Unidade Universitária. Entre 01 a 05 de outubro de 1984 acontece o I Congresso Interno da UERJ que em sessão plenária aprovou a Resolução nº 43, propondo essa transformação. Em 1988, em sessão ordinária do Conselho Universitário realizada no auditório do IEGRS, fica legitimada a criação da Faculdade De Educação da Baixada Fluminense (FEBF).

O grande significado para a transformação em uma unidade universitária se concretizaria na conquista da autonomia dessa faculdade. Os fatores que justificavam essa luta e busca eram a dependência e subordinação do curso à Faculdade de Educação do campus Maracanã e o impedimento de uma estrutura departamental própria. Além desses fatores, soma-se a necessidade de se levar em consideração a realidade sócio-econômica da região da Baixada Fluminense.

Muitas foram as motivações para as lutas que se travaram na história da FEBF, como também muitos foram os sujeitos dessa construção.

É importante dizer que na dinâmica do movimento estudantil destaca-se a participação do Centro Acadêmico (CA) Henfil do curso de Pedagogia, considerado histórico, pois todas as conquistas da FEBF, à época, devem-se a esse movimento, pelo qual os docentes tinham muito apreço e respeito, o que é corroborado pela fala de ex-aluno:

O Centro Acadêmico da época tinha um peso importante para a cidade e também para as políticas internas da Universidade. Este Centro Acadêmico Henfil construiu uma mobilização que conseguiu ter uma credibilidade muito grande diante dos alunos, então nós nos tornamos uma referência da discussão política em relação à Unidade Universitária. Não que os professores não se mobilizaram, pelo contrário, houve uma mobilização muito forte, mas a ponta de discussão passava pelo Centro Acadêmico. Tínhamos uma boa relação com DCE. Então nós conseguimos este espaço como unidade Universitária com muito custo, muita mobilização, porque se fosse pela UERJ, nós não teríamos esta Unidade Acadêmica. Então foi muita luta dos estudantes, dos professores e da própria comunidade Caxias, que naquele momento entendia que era importante ter uma Instituição Pública. Então as reivindicações eram estas: O status da UERJ Caxias como Unidade e em segundo o espaço Físico. (MACHADO, 2010, p. 33)

Percorrendo este processo de luta, após a incorporação dos professores e transformação em unidade acadêmica, as forças foram concentradas noutra bandeira antiga, a conquista do espaço físico próprio, pois a FEBF, conforme já dito, funcionava no prédio do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira ocupando apenas um corredor de salas o que impossibilitava a efetivação das atividades acadêmicas, como considerado por ex-alunos:

A relação da escola com a UERJ era uma relação muito frágil, muito difícil, porque a gente só tinha, na verdade, direito ao acesso às salas de aula no horário noturno e isso inviabilizava a existência de qualquer programa de extensão e pesquisa na unidade. A gente ficava limitado ao ensino, e ainda assim um ensino restrito a um determinado horário. A biblioteca era outro grande problema, porque era dividida entre o Instituto de Educação e a Universidade. (MACHADO, 2010, p. 32)

Nessa luta pelo prédio nós mobilizamos os alunos do curso, fizemos uma passeata fechando a Rua Brigadeiro Lima e Silva. Denunciamos, fizemos panfletagem, conseguimos uma audiência com o prefeito de Caxias em parceria com o SEPE. A Prefeitura chegou a viabilizar alguns espaços, mas na verdade nada se concretizou na época, e aí terminamos o curso deixando essas lutas para outros. (MACHADO, 2010, p. 32)

Para tal - como disse numa entrevista uma ex-aluna do CA - a prefeitura disponibilizou vários espaços, como: um campo de futebol no Parque Lafayette, o próprio espaço localizado no Instituto de Educação, onde encontra-se a torre da Rádio Caxiense e ainda um local:

(...) tipo uma fábrica depredada, na beira da Washington Luiz, que depois veio a se transformar naquela área da Peugeot. Só que ali já era uma pequena ocupação, com alguns moradores e nós, do Centro Acadêmico, não aceitamos, pois significaria despejar famílias (...) que já estavam ali. (...)" (MACHADO, 2010, p. 33)

Por fim, analisando as condições, opta-se pelo atual prédio onde está situada a FEBF hoje, o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) no Bairro da Vila São Luis, desde 1998. Essa conquista foi polêmica, pois a população da Vila São Luis e a Associação de Moradores local se posicionaram contrariamente. Assim se manifesta o representante do segmento movimento social: "A diretora [do CIEP] não queria abrir mão desse colégio, abriu processo contra. A diretora e os pais das crianças que aqui estudavam, protestaram muito para não liberar este espaço para a UERJ." sob alegação de que "Depois de instalado, já com alguns anos de funcionamento e com crianças matriculadas chegam e querem tirar os alunos, os distribuindo em outras escolas, para colocarem os alunos da UERJ." (MACHADO, 2010, p. 39)

Ainda segundo a representação do movimento social, "na época não interessava para a maioria da população ter uma Universidade, já que a maioria deles eram trabalhadores e não tinham tempo para estudar, o que interessava era a escola para seus filhos. Então o SEPE e as Associações eram contra essa forma que o Governo escolheu para solucionar o problema da FEBF, mas não contra a Universidade na Baixada". (2010 p. 40)

Embora diante de tantas polêmicas, a conquista desse espaço foi considerada pela comunidade acadêmica como a possibilidade de "viver uma universidade", conforme afirma uma ex-docente.

(...) depois que a gente veio para cá as coisas melhoraram consideravelmente, passamos a ter um trabalho melhor organizado, (...) independente da luta as pessoas eram muito responsáveis (...) eram envolvidas com seu trabalho (...) depois que a gente veio para cá tudo ficou mais fácil(...). tinha espaço, podia desenvolver outras atividades.

Considerações Finais

No processo vivido por seus sujeitos e elaborado por documentos oficiais, construiu-se uma história de consensos, de contradições, de justiça e injustiça, de erros e acertos.

Refletindo-se sobre as limitações e as possibilidades, a FEBF tenta consolidar hoje o verdadeiro sentido de uma Universidade Pública. Ela está presente na região da Baixada Fluminense como espaço de excelência, contribuindo para a formação de um pedagogo/docente crítico e coerente. Tem uma história que foi construída por segmentos da sociedade que acreditaram e acreditam na educação pública e na luta como possibilidade de conquistas.

É grande a tradição da FEBF quanto à qualidade na formação de profissionais nessa região. Em toda a parte, encontram-se pedagogos em atuação, sejam como docentes, como gestores ou em outros diferentes cargos. Essa constatação remete à reflexão sobre a responsabilidade e os desafios que aí estão: Que projeto de Universidade é defendido pela sociedade? Em qual concepção de Educação acredita-se? Qual é hoje o papel da FEBF como formadora de pedagogos/docentes na Baixada Fluminense? Como tem sido a relação com a Educação nessa região? O que sabe e o que pensa a sociedade sobre esses pedagogos?

É nessa corrente de permanente luta de formação crítica que se fortalece a história desta Faculdade. É fato que a sociedade vive um constante processo histórico de amnésia, é nesse enfrentamento que busca-se resgatar a história da Nossa FEBF.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: 3ª Ed. Editora FGV, 2005.
- DALVI, Gelson Pereira. **Novos Atores na Cena Universitária da UERJ:(re) construindo a história da FEBF**. Rio de Janeiro, FSS/UERJ, Dissertação de Mestrado, 2002.
- FREITAS, Sônia Maria; **História Oral: Possibilidades e Procedimentos; São Paulo: Humanitas; 2006.**
- MACHADO, Lilian de Oliveira. **História e Memória da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF): De sua origem à conquista da autonomia como Unidade Universitária da UERJ**. Monografia de graduação. FEBF/UERJ, 2010.
- NAJJAR, Jorge. *“Educação patrimonial e identidade: algumas questões em debate.”* In: CARNEIRO, Valdeck (et al.) (Orgs.). **Movimentos instituintes em educação: políticas e práticas**. Niterói: Intertexto, 2010.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.
- THOMPSON, Paul. (1935-). **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BARAO, Gilcilene de Oliveira Damasceno. MELO, Iclea Lages de. *“Faculdade de Educação da Baixada Fluminense: ações, desafios extensionistas e suas articulações com a pesquisa e o ensino.”* In: **Revista Advir**. UERJ, Junho de 2011.